

A BATALHA

Domingo, 13 de Setembro de 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2082

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Resumário: Incluindo o suplemento semanal,
Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2350;
África Portuguesa, 6 meses 7000; Estrangeiro,
6 meses 11000.

ANTE A AMEAÇA

duma ditadura militar,
o povo deve preparar-se
para defender as poucas
liberdades que usufrui

Volta a circular com insistência o boato duma intenção reacionária de característica militar. A população do país, especialmente a de Lisboa, sente pairar sobre si a ameaça de mais uma das já periódicas desordens políticas que celebrizaram ante o mundo este canto do ocidente, e cujo resultado típico tem sido o empobrecimento económico e moral do país, com sacrifício de vida para aqueles que, mesmo alheios às lutas políticas, são vítimas imóveis à perversidade dos que se dedicam pela ambição do mando.

O uso da violência para a escalada do poder tornou-se em abuso; e rara é a semana em que a população citadina não acorda com os quartéis de prevenção, as ruas patrulhadas, a cidade transformada em possessão marroquina ou campo de manobras.

Prescreve-se o ambiente e colhe-se a afirmativa de que "um grupo de abnegados" pretende depurar o país e arrancar-lhe o escrachado que o tem anemizado. Procuram-se os novos messias, e eles surgem-nos repletos de scintilações doiradas, ríveras de opereta que querem libertar-nos... a tiros de canhão e pelo cercamento das parcas liberdades, impondo-nos a pena de morte e a deportação em massa, para todos os que não aceitem o regresso ao mais feroz dos ultramontanos.

E' a casta militar, essa mesma que, disseminada pelas várias empresas, bancos e companhias, senhora do parlamento e dos principais cargos de mando do poder civil, cancer máximo que improdutivamente devora gota a gota os impostos arrecados ao país, se arroja a falar-nos em depuração e em moralização. Como se fosse possível limpar uma latrina à força de excremento.

Nós não escondemos o perigo que inima sobre as classes populares. O desencadear duma reacção conservadora-militarista seria o maior dos flagelos, se-bem-que a sua duração esteja delimitada pelo relógio da história em emergências semelhantes.

As espadas em nossos tempos triunfaram um dia chefiadas por Sídonio Pais e o seu reinado durou a efemeridade de um ano, durante o qual, como actualmente com Rivera em Espanha e Mussolini em Itália, se pretendeu dar ao estrangeiro a impressão de que o país adorava o seu tirano. E o povo que, coagido, formava o cortejo dos laços verdes à Sídonio, respirou quando se viu livre daquele consulado. Quere-se repetir a história? Achamos cedo.

A reacção militar feita poder seria o império da Caserna sobre a Rua, a transformação do país num quartel imenso, em que a madracisse agolada oprimiria o trabalho útil.

Esquecidas as lições da história, talvez que a farça ignobil que vem exhibindo-se na "sala do risco" alente as espadas contra a rua e, mais dia menos dia, surjam os aventureiros a, em nome da tranquilidade e da deputação, assentear peças contra a casaria, distribuindo impudica e cobardemente a morte aos domicílios da população indefesa. E' o boato que o diz. Pois antes que o boato se materialize é mister que do país inteiro, a parte sá do povo se disponha a defender as parcas liberdades, usando de todos os meios para jugular qualquer tentativa dos reacionários.

Do governo, provado como está que os políticos pactuam sempre que se trata de esmagar o povo na sua rebeldia justa, nada há a esperar. Basta que constatarmos a dualidade de critério adoptada entre o prender-se a operários a pretexto de boato duma coisa legal—a greve, e o dispensarem-se honrarias e deixarem-se à vontade os forjadores intentonas políticas.

A defesa das liberdades públicas só pode ser feita pelo povo. Ele que se prepare. E como são, ainda, os filhos do povo que, militarizados, têm sido instrumentos e vítimas nestas lutas de ambição, que o facto se não repita e eles saibam desobedecer às intimativas ferinas dos seus chefes.

Notas & Comentários

Incoerências

O dr. Brito Camacho declarou há dias, num manifesto dirigido aos eleitores que abandonava definitivamente a política. Ao caso fizemos referência, como os leitores devem estar lembrados. E pelo que o antigo "leader" dos unionistas dissera e pelas afirmações pessimistas que produzira, nós convencemo-nos de que ele se retiraria para o anonimato, para qualquer doce exílio da política, dedicando o resto da sua vida às suas obras literárias infinitamente mais interessantes do que as suas obras políticas. Mas isto de meter o bedelho na coisa pública é um vício difícil de destruir—ainda ontém o sr. Camacho surgiu em editorial do Diário de Notícias discutindo, como antes das suas declarações pessimistas, os actos do governo, os duodecimos e outras causas de que se afaistava para sempre, se as suas afirmações do celebre manifesto se confirmassem.

Tanto nos importa que o dr. Brito Camacho faça política como não a faça. Apesar registamos esta incoerência nascida tem realmente tanto de amargo e de irônico como aqueles sueltos com que o ilustre jornalista esmaltava nos saudosos tempos as colunas da Luta.

O de Portinho da Arrábida

O dr. Canha e Costa vem escrevendo para A Época uma série de cartas datadas de Portinho da Arrábida, onde se encontra acompanhado, com a família, em barracas de lona. Lembra-nos que nas primeiras cartas o dr. Canha e Costa vivia o seu isolamento e a ignorância do que se passava no mundo, pois ali, na praia dourada batida pelo sol e beijada pela onda espumosa, não existiam jornais para ler. Ontem, sanguinou-nos o conhecido advogado a discutir com bastante conhecimento de causa o julgamento dos implicados no 18 de Abril. E, caso curioso, a maneira como fazia a apologia da ditadura militar via-se que o dr. Canha e Costa, lá no Portinho da Arrábida, não deixava de intervir-se, pelas gazetas, de todos os pormenores daquelas audiências de farça em que os militares, para prestigiar o exército, se denunciavam rancorosamente uns aos outros.

Decididamente, cada vez devemos desconfiar mais destas flores de retórica que certos homens públicos empregam sozinhos para embeluzer os seus artigos. Felizmente, que registando mais está incoerência do dr. Canha e Costa, não nos surpreendemos, apenas confirmamos a ideia que há muito havíamos formado sobre a sua firmeza de princípios.

Simples coincidência...

Foram encontradas oito bombas nuns terrenos que estão perto da Torre de São Julião da Barra. Estavam cautelosamente embrulhadas em exemplares do Seculo e mundo manifesta que a União dos Interesses Económicos há tempos distribuiu. Esses exemplares do Seculo têm datas de Abril, da proximidade da intenção reacionária cujos implicados estão sendo julgados agora. As gazetas deram esta notícia sem o mais leve comentário—e realmente o caso não merece outro comentário senão o que se deve fazer à falta de comentários das gazetas. Se as bombas estivessem embrulhadas em exemplares de A Batalha e em manifestos da C. G. T. não faltariam parangonadas e insinuações contra este jornal e contra a Central Operária. Berraria-se por provisões, dir-se-ia que a cidade estava minada de dinamite e reclamar-seia a prisão imediata de todos os militantes operários porque deveriam ter sido elos com certeza os manipuladores dos mortíferos engenhos. Agora, nós, por vingança, podemos acusar a União dos Interesses Económicos e o Seculo de implicados em todos os atentados dinâmicos que para si produzem. Mas não usamos, para defender o nosso ideal, os baixos processos do inimigo. Os portadores das bombas encontradas em São Julião da Barra provavelmente embrulharam-nas distraidamente em exemplares do Seculo como nós, por vezes, levavam exemplares do jornal Novidades para lugares de isolamento e de aflição...

Ingratos...

O Rebate descobriu que se está forjando contra o sr. Barbosa Viana da polícia uma campanha inacreditável. Diz que se accusa o rapazinho da polícia de cometer "femicídios" que o seu espírito generoso não possui. E, por fim, descobre ainda o Rebate, descendente de Vasco da Gama a aviar pelos descobrimentos gloriosos que faz, que a tal campanha forjada contra o rapazote de uma parte de "indivíduos que o adulam e a quem ele enche de favores".

Inpertinencia

De quando em vez aparecem sobre a nossa mesa de trabalho uns papeluchos que nos trazem a informação de que na aldeia A se realiza uma festa religiosa que é designada por festeiros tradicionais. A todos ligamos a importância que nos merecem os papéis inuitos e como tal os tratamos.

Agora chegou até nós uma circular contando-nos donativos para o custeio das festas tradicionais que vão realizar-se no lugar do Livramento. Escusado será dizer ao leitor que o papeluchinho leva o destino dos seus antecessores como a melhor resposta ao pedido. E prevenimos que de futuro nem esta simples alusão lhes fazemos...

A Austrália aboliu a pena de morte

Com vista a certo parlamentar...

LONDRES, 12—O parlamento australiano aprovou um projeto de lei abolindo a sentença de morte.

Fica assim abolida a pena última em Portugal, Romênia, Itália, na maioria dos países vizinhos e em seis Estados da América do Norte, além da Austrália.

CARTA DO PORTO

O QUE DISSE A "BATALHA" sobre o problema da educação da mulher o distinto professor da Escola Primária Superior sr. Oliveira Cabral

Acabam de aparecer fixados nas esquinas desta cidade uns cartazes anunciadores de um «Curso Gratuito de Educação Feminina» que a Escola Primária Superior de Júlio Denis, anexa à Escola Normal Primária (rua da Alegra) resolveu abrir em Outubro próximo.

Nunca momento em que, por toda a parte, tanto se fala de educação, principalmente para a mulher, que, tendo um papel preponderante a desempenhar no desenvolvimento das consciências, dos caracteres e dos sentimentos individuais que se refletem na boa harmonia e respeito colectivos, é precisamente a mais desrespeitada naquele sentido—aquele iniciativa é digna de todo o orgulho.

Mais, além das encheram, a escola não tem outras disciplinas?

— Tem, sim, dentro do carácter utilitário que presidiu à organização do programa Rendas (inglesa, filete, macramé, etc.), bordados (a branco, "Richelieu" e inglês, sobre tule e a matiz), arte aplicada (pirogravura, estanho e coiro em relevo, flores de pano e de papel, etc., etc.), desenho, música, etc. Em síntese: ensinaremos tudo aquilo que uma boa dona de casa deve saber, quer no que respeita à direcção material e moral do lar, quer no que respeita ao seu alinhamento, o que também é importante.

— Pela forma do nosso jornal, que pugna pela liberdade dos povos, quer sob o ponto de vista material e profissional, quer sob o aspecto espiritual, nunca deixou de aplaudir o progresso escolar, e, portanto, o alargamento da esfera de ação instrutiva e educativa—nós resolvemos procurar o ilustre professor daquela escola sr. Oliveira Cabral, a fim de nos dizer algumas palavras sobre o referido curso.

Recebidos com toda a afabilidade, e depois dos cumprimentos do estilo e de expositos os fins da nossa visita, o sr. Oliveira Cabral, disse-nos:

— Fala-se muito na emancipação das classes trabalhadoras. Para essa emancipação, para o bem estar do operariado, é necessário que a mulher concorra. E para que ela possa dar à felicidade colectiva o auxílio que é legítimo pedir-lhe, carece de aquela uma educação geral que não possuia, infelizmente.

Não podemos deixar de considerar justas as razões do nosso entrevistado. Mas nós também tinhamos as nossas, conquanto não sejam scepticos de todo e tenhamos esperanças num futuro melhor. E ripostámos levamente:

— Mas a escola, mau grado nosso, pouco tem concorrido para esse objectivo...

— Concordo. Por isso mesmo o estabelecimento de ensino a que perteno resolvi abrir, em Outubro, um «Curso de Educação Feminina» inteiramente gratuito e no qual serão fornecidos às raparigas os conhecimentos indispensáveis para poderem vir a ser boas donas de casas, sabedoras e dedicadas.

— E quais são os conhecimentos que realmente indispensáveis à mulher e a sua escola se propõe ministrar?

— Em primeiro lugar: coisas práticas. Ensinar-se-há puericultura e higiene geral, cosinha, roupas brancas, vestidos de senhora e crianças, língua materna, etc. A maior parte das mães não sabem cuidar dos recém-nascidos. Muito amor... muito carinho... e muita ignorância. Tomé apenas noto disto: 50% das crianças cegas, são-no por ignorância das mães. Esta ignorância é um crime, não acha?

— Certamente, mas pertencente à sociedade...

— O professor de higiene ensinará também um pouco de enfermagem, ensinará a conhecer as pequenas doenças e a tratá-las. A professora de culinária ensinará igualmente a cozinhar regimes de dieta, o que evitará que certos padecimentos das famílias das alunas se agravem e outros apareçam, devendo à má organização dos menús.

— Plenamente satisfeitos, e mais ainda se essa tarefa se cumprir integralmente. Pelo exposto, verifica-se que se pode aconselhar um operário consciente a que inscreva as suas filhas nesse curso. Tornando-se necessário uma larga propaganda dos seus benefícios, A Batalha, à qual lhe não são extranhos os progressos pedagógicos dos seus múltiplos aspectos, está pronta a auxiliar, na medida do possível, o corpo docente de tão útil escola.

O sr. Oliveira Cabral, ao transmitir os seus agradecimentos, comunicou-nos que a Federação dos Amigos da Escola Primária promove, no dia 15 do corrente, uma sessão pública de propaganda na Casa do Povo, para tornar o curso conhecido. Nessa sessão falarão: os srs. António Correia e Julião Ribeiro, pela Federação dos Amigos da Escola Primária; Manuel José da Silva, a pedido da Federação, e Oliveira Cabral, pela Escola Júlio Denis.

Num "até breve", despedimo-nos do nosso entrevistado, que forneceu estas informações, as quais, certamente, serão devidamente apreciadas pelos nossos leitores.

Pórtico.

C. V. S.

FIGURAS SOCIAIS

PEDRO KROPOTKINE

A sua vida e as suas obras por Adrian del Valle

objectivo principal de encontrar um antigo e ignorado caminho chino que, dizia-se, estabelecia a comunicação entre a região de Amur central e a povoação mandchuriana de Merghen. Até então, nenhum europeu havia visitado aquela região.

Kropotkin faz a viagem como negociante e com nome suposto, para suscitar prevenções entre as autoridades chinas. Na referida expedição não descreve o caminho directo ignorado, como o carácter fronteiriço do Gran Khingán, a facilidade com que pode cruzar-se, os vulcões terciários, que se tinha por enigmáticos e outros factos de peripécias e perigos.

No outono seguinte faz outras viagens mais interessantes, subindo pelo Sungari até o coração da Mandchúria, chegando a Chirin. Em 1865 explora o Sayans ocidental, onde adquire novos conhecimentos sobre a estrutura das altas regiões da Sibéria. No ano seguinte emprende uma longa viagem para descobrir uma comunicação directa entre as minas de ouro da província de Yrkutsk e Transbaikalia, coisa que inutilmente outros exploradores antes haviam tentado; esta viagem serviu-lhe de muito para mais tarde achar a base da estrutura das serras e planícies da Sibéria.

Kropotkin faz a viagem como negociante e com nome suposto, para suscitar prevenções entre as autoridades chinas. Na referida expedição não descreve o caminho directo ignorado, como o carácter fronteiriço do Gran Khingán, a facilidade com que pode cruzar-se, os vulcões terciários, que se tinha por enigmáticos e outros factos de peripécias e perigos.

A vida activa e acidentada que fez na Sibéria, não o impedia de, levado pelo natural ardor juvenil, ao princípio, interessar-se pelas festas que de vez em quando se realizavam. Tomou parte, como aficionado em várias representações teatrais que se celebravam em Chita e em Irkutsk, desempenhando papéis de jovem galan. Tomou tal afeição ao teatro que um dia escreveu a seu irmão, confessando-lhe, ingenuamente, que sentia desejos de abandonar a carreira militar para dedicar-se à arte dramática.

Em 1864 teve a satisfação de vêr reunir-se-lhe, em Irkutsk, seu irmão Alexandre,

NA FRONTEIRA

do Alentejo andam engajadores iludindo mais ingênuos para levá-los ao matadouro de Marrocos

Não sabemos se o governo português terá sido já solucionada a última crise do teatro Nacional, crise provocada pela saída do gerente e pela morte de dois sócios—os mais activos e categorizados elementos do teatro. A solução que deram não passa, em meu entender, de um palativo a demorar para tempo indeterminado uma reforma verdadeira que só a mim de algures e os interesses inconscientes de outros pretendem evitar.

Sem que pretenda agora passar por vínculo, nuns artigos que em tempos fiz publicar em A Batalha eu previ tudo quanto nas duas épocas teatrais findas se passou na casa de Garrett. Porque nessa altura, contra a opinião de muita gente boa, eu demonstrei que a reforma que se discutia então não passava dum panache que não poderia curar o mal de que vem sofrendo o teatro do Estado. E não querendo também passar hoje por velho do Restelo, ou de mau aguirro, sempre direi que a época futura (e não digo épocas porque os desenches são de efêmera duração...) será tanto ou mais desastrosa que as que findaram. Nas duas épocas transatas ainda havia à frente do teatro um homem dedicado, cheio de boa vontade—se bem, que é de critério errado e, sobretudo, havia a miragem dum subsídio de 150 contos que o Estado devia dar, mas... nunca deu. E agora? Agora nem há esse homem que se fartou de atuar os artistas e se cançou de perder dinheiro do seu bolso numa tareia ingloriosa nem existe a esperança de tal subsídio oficial.

Sabe-se que na Legião Estrangeira em Marrocos estão combatendo, pela Espanha, indivíduos de diversas nacionalidades. E sabe-se também que o Estado Maior espanhol, em vez de reconhecer o esforço desses estrangeiros que combatem por uma causa que não lhes pertence, os tratam com desdém, com desprezo, com brutalidade.

Sabe-se ainda que os espanhóis não só faltam aos contratos—não pagando o que prometem—como fornecem alimentação pés

A FARÇA EM EXIBIÇÃO NA SALA DO RISCO

do Arsenal da Marinha teve ontem mais uma representação, voltando Cunha Leal a proclamar a inocência dos protagonistas

A audiência de ontem—a oitava—teve uma nota a destacar-lá: Foi maior a afluência do público, certamente para observar as declarações do tenente-coronel Malheiro. Por isso ao meio dia e vinte minutos principiou a chamada dos acusados e testemunhas. Faltaram os reus civis Aurelio Augusto Facha, Boaventura dos Santos Lino e Samuel Gonçalves, contra quem o promotor requer sejam passados mandados de captura, devendo o seu julgamento efectuar-se separadamente do grupo que está a responder.

Os presos civis pedem para falar ao general presidente. Vêm um deles, que reclama contra o tratamento! que é dado aos presos na Torre de S. Julião da Barra, onde ontem lhes foi distribuída uma ração insignificante de filetes de cavala, e meio pão duro e hoje uma sopa de arroz e feijão já azedado e incapaz de ser comido.

Reclama ainda contra a forma agressiva e insultuosa como são esses presos tratados pelos oficiais da guarda do tribunal.

O sr. general Ilharco diz que certo rigor empregado para com os civis é motivado pelos actos destes, fugindo à escolta que os conduz à Torre, como ainda ontem sucedeu, e não compreendendo as audiências.

Quanto à alimentação, diz que ordenarão providências a quem compete dá-las.

* * *

Prossegue o depoimento do comandante do grupo a cavalo, tenente-coronel Silveira Malheiro.

O promotor, general Carmona, faz salientar que as suas declarações feitas ontem apenas se referiram à ação de seis oficiais do Grupo a Cavalo.

A testemunha:

—Cheguei ao Quartel do 1º Grupo de Metralhadoras e fui preso, estando, durante a revolução, na «mess» ou numa sala.

Não vi, portanto, quem estava nas posições.

Conta que, na manhã de 19, em vista da chuva de granadas que caíu sobre os barreiros de madeira, os abandonou, sendo nessa altura que se deu a já conhecida cena com os dois soldados do grupo a cavalo.

O sr. Tamagnini Barbosa, instando, diz que os oficiais do grupo a cavalo aqui no tribunal foram os primeiros a dizer que teriam muito prazer em entregar-lhe o comando do grupo, na Rotunda, se o sr. tenente-coronel Malheiro a isso acedesse.

Volta a discutir-se o cércio feito pelo grupo a cavalo quando da revolta da aviação na Amadora, dizendo a testemunha que esse cércio foi feito a valer e não de maneira a ridicularizar o exército.

O defensor:

— Pretenderá v. ex. referir-se ao cércio feito agora pelo 18 de Abril?

— Não pretendo referir-me, nem estabelecer paralelos; pretendi simplesmente fazer ver a confiança que me mereciam todos os seus oficiais e praças.

Em seguida declara que, antes de admitir qualquer oficial no grupo, indagava sempre das suas convicções políticas, pois desejava ter sempre na sua unidade indivíduos sem afinidades partidárias.

A instância deriva agora para a vantagem de haver nas unidades oficiais republicanos ou não.

O sr. Tamagnini Barbosa formula perguntas a que pretende que a testemunha responda de certa forma, e, como o sr. tenente-coronel Malheiro desvia com habilidade a resposta desejada, o interrogatório torna-se fastidioso por repetido.

Prossegue o interrogatório, sempre interrompido por rectificações.

A certa altura, vem uma declaração da testemunha pela qual o defensor considera provado que era o major Melo e não o tenente-coronel Raúl Esteves que convocava as reuniões, não acidentais, mas promovendo-o por rectificações.

Por ter sido agredido a cavalo marinho por um cívico...

Há cerca de oito dias, no Pôço do Borrão, quando recolhia a sua casa, foi brutalmente agredido a cavalo marinho pelo cívico nº 625 da 6.ª esquadra, conhecido pelo «Varino», Manuel Pereira Barcelos, sem que couba alguma justificasse tão fúria investida.

Anteontem, estando o Barcelos num café ali próximo, o mesmo guarda prendeu-o, conduzindo-o ao governo civil, onde se encontra no calabouço nº 8, sem saber porquê.

Talvez o motivo da prisão fosse o ter sido agredido pelo «Varino». Acusam-se por vezes presos de causas tão disparateadas, que nos não admirávamos que fosse esse o motivo da prisão do Barcelos.

Os socialistas e os acontecimentos de Marrocos e da Síria

PARIS, 12.—Os leaders socialistas enviaram cartas a Painlevé, como presidente do conselho, e ao sr. Herriot, como presidente da Câmara dos Deputados, pedindo a imediata reunião das duas casas do parlamento, a fim de ser discutido o desenvolvimento dos acontecimentos de Marrocos e da Síria.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Calceiteiros Municipais

Realiza-se hoje nesta Sociedade, pelas 21 horas, um baile dedicado aos dois grupos desportivos, no qual será oferecido o bronze ao «pedor».

«Anta a festa uma troupe musical.

Caminhando para a perfeição

Aos alcoólicos não podem ser entregues missões de responsabilidade

das, de oficiais, nas quais se apreciava a situação política.

A testemunha:

— Estava preguntada ao tenente-coronel Ferreira do Amaral o que havia. Suspeitava-se de uma alteração da ordem pública. Mas quem a alterava? Não o sabia. Esclarece o caso do estandarte, de maneira que causa risos.

Declara que, ao dirigir-se à Rotunda, não a convencido de que conseguiria alguma coisa, visto que esses oficiais «sabiam bem o crime que tinham cometido e não iam voltar atras».

— Então para que foi lá?

— Apenas para cumprir o meu dever.

Referindo-se ao sargento Servant, o major Tamagnini Barbosa, depois de declarar que «a deles tem sido muito benevolência com as testemunhas», prova haver contradição entre o que o referido sargento declarou e o que o sr. tenente-coronel Malheiro disse. E comenta:

— O sargento Servant foi comprar aguardente para o grupo, sabendo que ele ia para um movimento militar. Ai está mais uma pessoa em que V. Ex.ª não pode confiar...

O major Tamagnini Barbosa leva a testemunha a confessar que realmente chamou cobardes a dois soldados que fugiam, para que eles voltassem a combater.

O capitão Cunha Leal:

— Que conceito fórmula v. ex.ª das qualidades dos oficiais do grupo que estão aqui?

— O melhor. E só tenho pena do que se deu, porque é difícil substituir oficiais tão bons.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento. — Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os sargentos?

— A uns apreciava-os. A outros, conhecia-os pouco.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

— E sobre as suas qualidades morais?

— O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

— Mas, responde-ma precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

— Não, senhor.

— E os soldados foram iludidos? Disseram-lhes que iam para exercícios?

— Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

O roubo no comboio do Algarve

Uma carta do Director do Sul e Sueste

O sr. Plínio Silva, engenheiro-diretor dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, enviou-nos, a propósito do roubo praticado no comboio do Algarve, a seguinte carta que nos apressamos a publicar:

«Sr. Director, — Tendo constatado que a pretexto do recente roubo praticado no comboio descendente do Algarve, das refeitas do Ramal de Lagos, têm sido feitas apreciações e comentários de ordem vária, em que se procura envolver a reputação de uma classe inteira, venho por este meio, no cumprimento de um indiscutível dever, que me é imposto pelas funções que exerce, lavrar, em meu nome e de todos os meus subordinados, que me honro de dirigir, o meu mais veemente e indignado protesto contra tal procedimento.

Não há, com efeito, o direito de, pela circunstância de dois individuos, indignos de serem ferroviários, haverem cometido uma vileza que todos repudiariam, pretender por eles aquilatar da moral de uma classe, composta dos mais fervorosos e dedicados trabalhadores que através dos maiores sacrifícios e privações, têm, com dedicação, prestado ao País os mais assinalados serviços.

E' difícil evitar que numa classe tão numerosa se imiscuam elementos indignos de serem ferroviários, haverem cometido uma vileza que todos repudiariam, pretender por eles aquilatar da moral de uma classe, composta dos mais fervorosos e dedicados trabalhadores que através dos maiores sacrifícios e privações, têm, com dedicação, prestado ao País os mais assinalados serviços.

Não marinha mercante, o alcoolismo provoca grandes perdas, não só porque os alcoólicos, a quem compete a vigilância dos barcos e navios, embravecem e desmoronam pelo álcool, não estão em estado de exercer tanto delicado e importante missão, como também o terem mais tendência a serem atacados pelas diferentes doenças, não só as que continuam a aparecer no seu país, como também as que são próprias da marinha mercante obriga a entrar em contacto; assim, as doenças exóticas costumam a atacar os individuos que viajam.

O efeitos do álcool são particularmente prejudiciais nos países de clima quente ou muito frio, quer para os que já eram alcoólicos (mesmo que passem a não beber álcool), quer para os que bebem líquidos alcoólicos (e nestes últimos muito mais rapidamente) se sentem os efeitos prejudiciais e destruidores do terrível veneno alcoólico.

Não há faltas que a embriaguez não descurte e que não aumente, porque ela expulsa a vergonha, a qual se opõe às más ações.

Desse que o calor do álcool se apodera do cérebro do homem, ele exterioriza tudo o que há mal, pois que se a embriaguez não cria o vício ela põe-no a descoberto. Então o indivíduo perde toda a decência, todo o decoro, o indiscreto dá à língua descobrindo o segredo que se lhe confiou, no insolente aumenta a sua arrogância, no cruel a sua violência, no invejoso a sua maledicência, etc. Todos os vícios, pois, manifestam-se larga e abertamente.

Não deixarei de

A BATALHA

COMO DEBELAR A CRISE DE TRABALHO

Jerônimo de Sousa diz à BATALHA o que a Federação de Calçado, Couros e Peles precisa ver atendido para atenuar a crise na indústria

A indústria de calçado, couros e peles, é uma das muitas que atravessa no actual momento uma crise de trabalho aguda. Para nos habilitámos a fornecer aos leitores as razões determinantes de tal situação e a conhecer de perto com que elementos de solução conta a federação daquela indústria, procurámos ouvir o nosso camarada Jerônimo de Sousa, um dos mais activos militantes da classe, e secretário geral daquele organismo federativo. Durante alguns momentos fomos grato registrar o conhecimento profundo da crise, revelada na clara exposição que nos fez Jerônimo de Sousa, sobre a crise e forma de a atenuar. A primeira pergunta sobre a existência da crise respondeu-nos:

— Pode considerar-se permanente a crise de trabalho na indústria de calçado, couros e peles. Quando, porém, chega a época de banhos a crise agrava-se.

— Qual é o factor da crise permanente?

— Muitos. O principal é a falta de capacidade monetária do consumidor. Mas há mais. A importação de calçado estrangeiro, o desenvolvimento e aplicação da máquina na indústria e a perda dos mercados das colônias, Ilhas e Brasil.

— Com que elementos conta a vossa Federação para combater esses factores e concomitantemente atenuar a crise?

— Com vários, a saber: A) falta de capacidade monetária do comprador só transformando a Sociedade ela se evitaria. B) importação de calçado com os elementos que constam dumha reclamação já entregue a um dos governos e que é...

O nosso entrevistado sacou dum pequeno masso de papeis uma cópia da referida reclamação na qual se defendem os seguintes princípios:

— Que seja proibida, embora transitória, a importação de todo o calçado enquanto se verificar a crise existente na indústria de calçado;

— Que a pelaria não fabricada em Portugal seja livre de direitos, assim como toda a matéria prima necessária ao fabrico nacional, facilitando desta forma o barateamento do calçado e o desaparecimento da crise que também assoberba o ramo de cortumes.

— Satisfeita esta reclamação a crise seria atenuada?

— Não; compreendes que 10.000 desempregados numa indústria que tem pouco mais de 15.000 operários não pode encontrar naquela medida o atenuamento da crise. Seria apenas um factor do debelamento. E quando apresentámos ao governo aquele ponto de vista, fundamental-o no seguinte:

— O mercado nacional está sendo invadido por calçado de procedência americana, inglesa, alemã, espanhola e francesa. Mercê do desenvolvimento e florescência da indústria em quasi todos aqueles países, o calçado pode facilmente competir com o nacional, cuja indústria, como sabes, está o mais possível pulverizada.

— A isenção de direitos da pelaria estrangeira está, como acentuámos, justificada na conveniência de baratear-se o calçado e de fazer desaparecer a crise de trabalho.

— Mas os fabricantes de cortumes não asseveraram que Portugal produz peles suficientes para o consumo?

— Dizem, mas não é verdade. Portugal, em pelaria, não produz para as necessidades da indústria nacional. Estamos certos, no entanto, que se os industriais de cortumes desenvolvessem e aperfeiçoassem o fabrico poderiam satisfazer as necessidades de consumo. Assim, não!

— Disseste que a crise não podia ser atenuada apenas pelo que a reclamação entre o governo defende...

— É verdade. Nós possuímos outras fórmulas que não podemos prescindir para

INTERESSES DE CLASSE

Construção Civil de Almada

Operários desta indústria traem o horário e prejudicam os desempregados

ALMADA, 11.— Habita neste concelho um indivíduo chamado João dos Santos Reis, empreiteiro de obras da construção civil, que está prejudicando os operários desta indústria e os descarregadores de mar e terra, fazendo descargas de tijolo e de outros materiais, como ainda tem sucedeu com uma descarga, feita de madrugada, para não ser notada, por operários da construção civil.

E lamentável que operários da construção civil se prestem a satisfazer a ganância desse senhor, atraçando o horário de trabalho e os interesses dos descarregadores.

Para este caso deve o Sindicato C. Civil de voltar a sua atenção, tomando as providências que ele require. — E.

Pela Casa da Moeda

Urge promover a união do pessoal

Sob esta epígrafe, publicou ontem A Batalha uma carta de José S. Afonso na qual apela para os operários organizados no sentido de levarem ao fim uma boa união do pessoal há muito desejada.

Parce, à primeira vista, que os operários organizados, são os culpados da desorganização do restante pessoal, quando finalmente verificamos o contrário.

São os operários organizados que se encontram sempre na brecha em defesa do bom nome desse importante estabelecimento do Estado, quer nas colunas da Batalha, quer em qualquer lugar em que o mesmo seja apoiado, atitude que por sinal lhes tem feito passar alguns dissabores.

Diz mais Afonso que a decadência desse pessoal se deve a política nefasta imprópria de operários, o que tem que acabar.

Muito bem, meta o amigo Afonso a mão na consciência e veja quem faz política neta. São os operários? Não!

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

O Sindicato de Indústria Gráfica

No sindicato dos compositores está em discussão na generalidade há três sessões a dizer "Sindicato de Indústria Gráfica" que vai ser presente ao II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, em Santarém, e parece-nos que pela vontade de alguns indivíduos, essa discussão prolongar-se há ainda depois da realização daquela.

Os sindicatos dos impressores, encadernadores e litógrafos, já aprovaram a sua constituição com pequenas alterações. Pois, no sindicato mãe, a questão não vai tão depressa. Alguns dos argumentos aduzidos em contrário da sua constituição é que é inequívoco, porque a classe não está preparada para tão alto cometimento, falando-lhe a educação, e os elementos que compreendessem o valor do sindicato serem diminutos, etc. Outros encorram-se em dissertações, fazendo uma embrulhada com os comitês de oficinas, conselhos de secções e técnico, desconhecendo as vantagens dos mesmos, afirmando que não se vive de ideias, sendo um trabalho decalcado sobre as teorias de Marx, exigindo muito estudo e propaganda, etc, etc.

Alienar o intermediário na venda do calçado ao consumidor sendo esta feita directamente pelo fabricante.

Para conseguir este "desideratum" provemos:

Que os sindicatos dos operários da indústria de cortumes iniciem desde já uma forte propaganda no sentido de levar os industriais a adoptar novos processos no fabrico, de molde a contribuir para o aperfeiçoamento do mesmo;

Que para conseguir pôr de parte os intermediários os operários se recuem a trabalhar para os industriais que não façam venda directamente ao consumidor.

— Qual é a outra?

— Refere-se à centralização da indústria. E' conveniente uma explicação para melhor aperceper o alcance da nossa medida.

Já disse há pouco que a indústria está pulverizada, o que aliás não é novidade para ninguém. Em virtude desse facto sucede que o pouco trabalho que há não é equitativamente distribuído. E por isso há muitos sapateiros que trabalham nas escadas, em casa, etc, etc, que pouco têm sofrido com a crise; outros, então, não têm trabalhado.

"Ora com a indústria centralizada, que é a mesma coisa que dizer, com a criação de grandes oficinas, onde podiam ser admitidos aqueles operários, já o trabalho podia ser mais equitativamente distribuído.

— O Congresso pautou os princípios para a realização desse desejo?

— Dum modo especial, sim. Eis as suas resoluções:

Os sindicatos existentes no país encetaram nas suas áreas uma intensa e permanente propaganda no sentido de preparar entre a classe o ambiente necessário à consecução desse objectivo.

Recolhidas todas as consultas e verificadas que pelo menos a maioria da classe aceita a centralização, a Federação dirigirá a todos os industriais uma reclamação para montarem as respectivas oficinas, montagem esta que obedecerá às cláusulas que devem ser apontadas na referida reclamação, e sendo ainda nesta determinado o prazo em que os industriais terão de montar as referidas oficinas.

No caso de se verificar por parte dos industriais uma recusa (o que não é provável) à satisfação do nosso objectivo, a Federação apoiada na classe procurará agir no sentido de os impelir à satisfação de tão importante como urgente reclamação.

Falou-se há dias em falta de produção...

— Falou sim. Mas o seu autor, o industrial Eduardo Maria Rodrigues, que foi membro da comissão executiva da Associação Comercial dos Logistas de Lisboa, não é capaz de justificar. E tanto é assim que o que se verifica mais é superprodução que o consumo não

vence. Mais são assim as "fórcas vivas..."

Para rematar:

— O organismo de que sou secretário geral lutará com denodo para conseguir os seus fins. Ninguém poderá atribuir à falta de visão dos nossos organismos de classe que a crise não seja atenuada.

— Que o operariado nos saiba acompanhar e quanto importa para o triunfo.

E' algum que tem todo o interesse em que os operários se estejam degladiando para poder manter a sua estabilidade já de há muito abalada. Porque se assim não fosse outro galho cantaria como se costuma dizer, mas adiante. Numa das passagens da sua carta diz "para isso faço um apelo aos camaradas organizados, aqueles que, conscientes de um dever, têm por obrigação abrir caminho de princípios e não de intrigas, ódios e vinganças".

Então não será abrir caminho de princípios, a ação exercida pelos operários organizados, sempre em defesa da boa moral que deve existir entre operários desta casa, defendendo constantemente todos os seus interesses sob todos os aspectos!...

Concluindo, amigo Afonso, eis aqui as intrigas, ódios e vinganças, realizadas pelos operários não só organizados como os conscientes que apenas almejam o bem estar e engrandecimento do pessoal da Casa da Moeda.

Encontra-se o amigo Afonso na disposição de reorganizar o Sindicato do Pessoal da Casa da Moeda, baseado nos princípios sindicalistas revolucionários? Se se encontra maio à obra!

Artur CARDOSO
Operário da Casa da Moeda e sindicado

Conforme foi anunciado, realizou ontem a Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina, uma importante sessão de propaganda na sede da Secção da Construção Civil.

Aberta a sessão, Guilherme Mesquita, secretário geral da comissão, expôs a ação que a Comissão Mista de Propaganda Sindical vai desenvolver em prol dos interesses do povo do Alto do Pina. Lamenta que haja operários inconscientes que trabalhem mais que oito horas diárias quando o não deviam fazer visto a grande crise que avassala a classe trabalhadora.

Em seguida dá a palavra a Vergílio de Sousa, delegado do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, que criticou a actual sociedade, demonstrando os resultados perniciosos para a humanidade, da guerra, da caserna e militarismo, espraiando-se sobre a necessidade da mocidade trabalhadora se integrar dentro dos núcleos das Juventudes Sindicalistas, educando-se e preparando o seu espírito para o advento da nova Sociedade.

Foi aprovada por aclamação uma moção contra as deportações e de apoio à ação que a comissão vai desenvolver, encerrando-se em seguida a sessão aos avisos à C. G. T., Juventudes Sindicalistas e gritos de Abaixo a Reacção.

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Está em distribuição mais um número de O Gráfico, órgão corporativo da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, que insere as restantes teses que ainda não estavam publicadas e que vão ser presentes ao referido congresso corporativo, que se vai realizar nos próximos dias 21 e 22, nas salas da Associação dos Engregos no Comércio de Santarém.

A comissão organizadora pede a todos os organismos que ainda não enviam a sua adesão, bem como o número e nome dos seus delegados, para o fazermos o mais breve possível, em virtude dos poucos dias que restam para a sua realização.

Secção Telegráfica

Federações DO LIVRO E DO JORNAL

Organismos da província—Seguem os

Amanhã o diário A BATALHA é substituído pelo seu suplemento semanal de crítica e doutrina social, cuja leitura é útil e proveitosa a todos os trabalhadores.



</div